

SISTEMAS CONSTRUTIVOS DE RAIZ TRADICIONAL EM MOÇAMBIQUE: UMA ABORDAGEM

Margarida Donas Botto

Direcção Regional de Cultura do Alentejo – Rua de Burgos, n.º 5 7000-863 ÉVORA

Telefone: 00351 266 769800-805

CEAUCP – Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto

E-mail: maggiebotto@gmail.com

Tema 4: Arquitectura vernácula e contemporânea

Palavras-chave: Moçambique, construção tradicional, terra

Resumo

A arquitectura vernácula em Moçambique, se nos reportarmos ao que podemos designar como o tipo de arquitectura projectada pelos habitantes de uma determinada região ou período histórico mediante o conhecimento empírico, a experiência de gerações anteriores e a experimentação, recorrendo, por conseguinte, aos materiais disponíveis na envolvente imediata é, basicamente, uma arquitectura pobre, de escassos recursos e soluções construtivas pouco eruditas, nomeadamente em zonas rurais. Talvez por isso, não tem merecido mais do que uma atenção quase episódica por parte dos investigadores, relegada, em grande parte, para o ramo da etnografia e da antropologia. E, no entanto, é em tipologias herdadas destes modelos ancestrais de habitação que grande parte da população moçambicana continua a residir.

Este artigo pretende dar a conhecer a realidade actual da construção tradicional no Sul de Moçambique - com referências ao Norte e Centro - nomeadamente das designadas palhotas, fabricadas com materiais locais e à medida dos recursos existentes na região, destacando o papel dos revestimentos de terra que conferem a estas habitações maior resistência e inércia térmica; por outro lado, pretende-se igualmente apresentar a produção artesanal de tijolos que, numa zona localizada e devido às características do solo, assumem um papel importante na economia local.

A palhota é, desde tempos imemoriais, o habitat de muitas populações africanas, aliando uma extrema simplicidade de construção à utilização de materiais facilmente acessíveis nas zonas circundantes; consoante o território em que se integram podem ser mais ou menos complexas, agrupar-se de formas diversas ou alcançar dimensões variáveis. Em Moçambique, é comum encontrarmos “aldeias” de palhotas que correspondem ao Habitat de uma única família, em que cada unidade corresponde a um membro da família, com algumas cabanas de maiores dimensões ou mais elaboradas destinadas a funções específicas: por exemplo, ao casal, à prática de ritos de iniciação na vida adulta para os adolescentes, etc.(Weule, 2000). O conjunto destas palhotas é protegido por uma cerca por vezes constituída simplesmente por arbustos espinhosos plantados ordeiramente (e extremamente eficazes em termos de protecção!) ou feitas com folhas de palmeira entrançadas ou paus dispostos verticalmente.

Seguindo embora uma matriz comum, é grande a variedade de edificações rurais que genericamente denominamos de palhotas (fig. 1a), e que englobam desde a cabana mais elementar, construída com ramos de árvores (mangal, cajueiro, mangueira, bambu) e telhado de colmo, às denominadas construções de pau a pique (fig. 1b), que podem atingir dimensões consideráveis e acabamentos diversos. A utilização de um acabamento liso, obtido através da aplicação de uma camada de terra e água é comum nas zonas onde este material é mais abundante.

1. UTILIZAÇÃO DE TERRA NA CONSTRUÇÃO AUTÓCTONE

A construção em terra, apesar da abundância deste material, não é dominante em Moçambique, nem na maior parte dos países da África subsahariana, ao contrário do que sucede na África do Norte. Se é indiscutível que “ainda hoje, um terço da população humana reside em casas de terra” (Minke, 2006, pp 11), também é verdade

que a grande tradição da arquitectura em terra não conhece, em Moçambique, exemplos dignos de nota: a utilização deste material cinge-se praticamente aos revestimentos, destinados a dotar as construções tradicionais de melhores condições de habitabilidade, ou à já referida produção de tijolos artesanais, que acabam, no entanto, por não encontrar correspondência na arquitectura rural.



Fig.1 a) Palhota tradicional da Swazilândia; b) Construção de pau-a-pique entre a fronteira de Moçambique e a Swazilândia, preenchida com barro seco ao sol (créditos: Margarida Donas Botto, 2009)

Uma primeira análise dos diversos tipos de habitação tradicional/autóctone em Moçambique não permitiu concluir quanto à existência de construções em adobe ou em taipa. É certo que, durante a ocupação portuguesa e por influência desta, se construíam casas de adobe; Theodorico Sacadura Botte, nas suas “Memórias e Autobiografia”, identifica, referindo-se à província da Zambézia, os “*magníficos tijolos chamados “burros”, para as estufas de tabaco e para as casas, (que) eram secos ao sol e depois cozidos em enorme médas*” (Botte, 1987, pp129). Mais adiante, na mesma obra, descreve “(...) *um chão batido com uma mistura de bosta, barro e cera virgem que dá um acabamento que parece vidro (...)*”, ou as “(...) *casas de pau-a-pique e adobe, com cobertura de colmo.*” Estes relatos, feitos na década de 20 do século passado, durante a estadia do autor em Moçambique, testemunham uma utilização corrente deste material em construções comuns, seguramente frequente nas edificações erigidas pelos portugueses em zonas onde não abundavam outros materiais de construção. Não se refere concretamente a estruturas autóctones que, então tal como agora, utilizavam, conforme já referido, os materiais disponíveis na área circundante (fig 2).



Fig. 2 a) Construção rudimentar de pau-a-pique com revestimento de terra, Boane, zona de Maputo; b) Construção (inacabada) de pau-a-pique em Pemba; c) palhotas com revestimento de barro, Pemba (créditos: Margarida Donas Botto, 2009)

Redondas, quadradas ou rectangulares, estas construções singelas são constituídas por uma estrutura em madeira, revestida de palha, caniço ou folha de palmeira entrançada, e com coberturas nos mesmos materiais, por vezes sobrepostos ou recortados por forma a criar alguns efeitos decorativos. Não raro, as paredes exteriores são cobertas com uma camada de argila, aplicada com o objectivo de

fornecer alguma impermeabilidade à habitação. Noutros casos, as construções são elaboradas através da técnica de pau-a-pique: as estruturas de madeira reticulada são preenchidas com barro podendo, ou não, sofrer um acabamento liso, ou até, efeitos decorativos obtidos pela aplicação de pigmentos naturais ou de tintas industriais (fig. 4).



Fig. 3 a) Palhota com revestimento de barro, Pemba; b) vista geral da vila, Pemba; c) apontamentos de cor numa palhota/capela, em Vilankulo (créditos: Margarida Donas Botto, 2009)

Uma pesquisa superficial sobre o tema – não sendo este, no entanto, o objectivo desta comunicação - permite concluir que o Norte do país apresenta soluções construtivas geralmente mais elaboradas, sendo o pau-a-pique a técnica predominante. Na cidade “Macuti”, na Ilha de Moçambique (nome dado aos bairros onde habitava a população nativa, por oposição à cidade de “pedra e cal” dos Portugueses) as casas de pau-a-pique com coberturas de quatro águas eram “(...) *rebocadas com argamassa de cal e caiadas com cal pigmentada.* (...)” (Relatório, 1982-85, pp. 150), atingindo dimensões e níveis de complexidade bastante impressionantes. Nos interstícios do entramado das paredes, elaborado com madeiras locais (mangal ou bambu), aqui preenchido com pedra miúda ou fragmentos de coral, era usado barro, e a cal⁽¹⁾ (obtida localmente através da calcinação de conchas) substituída por uma argamassa de terra (fig. 3).



Fig. 4 Dois exemplos de palhotas com acabamentos decorativos em argamassa de barro, a segunda com apontamento a simular janelas (zona de Zonguene, perto de Xai-Xai (créditos: Margarida Donas Botto, 2009)

2. PRODUÇÃO ARTESANAL DE TIJOLOS

Nas zonas semi alagadiças, essencialmente argilosas – visível na cor vermelha dos caminhos e dos montes de terra que se acumulam à borda das estradas, para reparação ou alargamento – a produção de tijolos é recorrente um pouco por toda a região de Palmeira, distrito de Gaza, decorrendo todo o processo, desde a extracção, à modulação dos tijolos, à secagem e ao cozimento (e, frequentemente à venda), no

mesmo local. A terra é cavada, moldada com a ajuda de uma forma de madeira, sendo os tijolos frescos dispostos em filas e, após secagem, cozidos em fornos redondos (fig. 5). Não é acrescentado qualquer aditivo, nem tão pouco água. Esta produção – que, ao que pudemos apurar é uma actividade relativamente recente – constitui um elemento importante da actividade económica local, embora sofra actualmente a concorrência dos tijolos de cimento, produzidos de acordo com metodologia semelhante.



Fig 5 Extracção da terra, moldagem dos tijolos e secagem – zona de Palmeira, distrito de Gaza (créditos: Margarida Donas Botto, 2009)

No Sul de Moçambique, em particular nas províncias de Gaza e Inhambane, o fabrico de tijolos artesanais – frequentemente vendidos à peça, à beira das estradas, mas usados em construções mais ricas de alvenaria – ombreia com outros materiais mais acessíveis, de fácil aquisição e existentes um pouco por toda a parte, que servem para a construção das tradicionais palhotas (fig. 6).

Estes tijolos são vendidos – frequentemente após encomenda – e utilizados para auto-construção; as aldeias continuam a ser constituídas principalmente por palhotas, pontuadas aqui e além por uma casa de “alvenaria”. Nas zonas urbanas, no entanto, a apetência pelos modelos ocidentais traduz-se na edificação de casas feitas com tijolos de barro, ou de cimento, rebocadas (ou não, consoante os recursos económicos do proprietário) e pintadas.



Fig. 6 Tijolos secos preparados para serem cozidos no forno e depois de cozidos, prontos para venda (créditos: Margarida Donas Botto, 2009)

3. CONCLUSÃO

Tratando-se de uma primeira abordagem, e tendo em conta a vastidão e complexidade do país, esta comunicação não pretende obviamente abarcar a totalidade das matérias relacionadas com a construção tradicional em Moçambique, nem sequer esgotar o tema dos revestimentos de terra. Na realidade, pudemos constatar que o material terra não é utilizado na forma de taipa, adobe ou terra moldada, mas tão só enquanto elemento de acabamento final da parede, sobretudo pelas suas qualidades hidrófugas e/ou de apresentação. A palhota mais comum é unicamente constituída por uma estrutura de madeira coberta por palha ou caniço sem qualquer material final de

acabamento, pelo que a aplicação de uma camada de terra argilosa revela já uma maior preocupação pelo conforto da habitação, podendo assumir formas decorativas bastante elaboradas (fig. 4). O fabrico de tijolos artesanais, recorrendo embora a técnicas ancestrais, é uma prática recente, aliada ao desenvolvimento de populações urbanas ou peri-urbanas e como alternativa aos blocos de cimento, mais caros. Uma outra conclusão impõe-se: por razões diversas, a que não será alheio o facto de só recentemente o país ter encontrado alguma estabilidade económica e social, e o de se debater, ainda, com grandes problemas de pobreza e escassez de recursos, o investimento no estudo e conhecimento da arquitectura vernácula é ainda limitado. A construção tradicional em Moçambique – excluindo, naturalmente, o tema da arquitectura “colonial” portuguesa de matriz erudita, e que tem originado uma vasta produção bibliográfica – é terreno quase virgem em termos de investigação. Por outro lado, referências de autores contemporâneos durante a fase de povoamento mais sistemático do território, no século XX, e a própria evidência dos problemas inerentes a este processo (dificuldade na obtenção e aplicação de materiais tradicionalmente usados em Portugal, procura de soluções construtivas mais adaptadas à realidade de um país com exigências climáticas muito diversas das da metrópole, necessidade de articular conhecimentos e mão-de-obra local com noções de conforto mais ocidentais) sugerem que o recurso ao material terra - seja na forma de revestimentos, adobes ou mesmo pavimentos - fosse relativamente comum. Na construção tradicional, no entanto, referindo-nos ao tipo de construções que, então tal como hoje (naturalmente, com proporções diferentes) alberga uma grande parte da população do país, a aplicação de terra reporta-se sobretudo aos rebocos e acabamentos exteriores.

Estas questões traduzem a realidade de um país que se debate com óbvios e, de certa forma, naturais – face à sua História recente - problemas de desenvolvimento e identidade. A título de exemplo, a principal escola de arquitectura do país (e, até há pouco tempo, a única) ainda não conseguiu, eventualmente por falta de estudos nesta área, espaço para aprofundar esta temática, mantendo uma linha “moderna/ocidental” no seu curriculum. Por outro lado, e apesar de existir uma clara apetência por uma casa “moderna” de “pedra e cal”, na realidade a força da manufactura continua a impor-se às técnicas industriais, reservadas estas para os poucos que as podem adquirir, traduzindo assim o abismo que existe entre um e outro “modus operandi”.

Bibliografia

Botte, Theodorico César de Sande Pacheco de Sacadura (1985-6). *Memórias e Autobiografia*. Maputo, Oficinas Gráficas da Minerva Central.

Minke, Gernot (2006). *Building with Earth, Design and Technology of a sustainable architecture*, Birkhäuser, Basel, Switzerland.

Secretaria de Estado da Cultura de Moçambique (1987). *Relatório “Ilha de Moçambique” 1982-85*. Aarhus, 1987. Moçambique/Arkiteksholen i Aarhus, Danmark.

Weule, Karl (2000). *Resultados científicos da minha viagem de pesquisas etnográficas no Sudeste da África Oriental*. Maputo: Ministério da Cultura, Departamento de Museus, Projecto Arte Makonte.

Nota

(1) Os fornos de cal de conchas existem ainda na zona do continente fronteira à Ilha de Moçambique; tratando-se de matéria alheia a esta comunicação, não investigámos quais os revestimentos exteriores utilizados pelos portugueses durante o período de criação e expansão das principais cidades - século XIX e inícios do XX – nem, conseqüentemente, a origem de eventuais rebocos de cal então aplicados nessas localidades.

Curriculum

Margarida Donas Botto, Licenciada em História e Arqueologia pela Universidade de Coimbra (1986), Mestre em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico (UE, 1998), Técnica Superior da Direcção Regional de Cultura do Alentejo, investigadora do CEAUCP.